

ANÁLISE DA FONTE *COMMENTARII DE BELLO GALICO*, DE JULIO CESAR

Diego Souza da Rosa¹

Deivid Valério Gaia²

RESUMO

Neste artigo é abordada uma visão sócio-política sobre o processo de expansão romana pela região da Gália transalpina, além das expedições pela costa sul da atual Inglaterra e através das margens germânicas do rio Reno entre os anos 58 a.C e 51 a.C. com base em uma interpretação da obra "*Commentarii De Bello Gallico*" (Em português, "*Comentários sobre a Guerra Gálica*"), escrita pelo cidadão romano Julio Cesar durante esta campanha.

Em meados do século I a.C. os povos gauleses dividiam-se em diversas tribos independentes, compondo em sua grande maioria onde hoje situa-se a região da atual França. Tal distanciamento administrativo entre as tribos gaulesas, associado à inferioridade tecnológica e menor organização militar em relação ao exército romano, foram às principais chaves da conquista desta região por Julio Cesar. Ainda assim, os gauleses, belgas e bretões opuseram-se com fervor ante o domínio político romano, construindo heróis que ainda hoje são cultuados com honrarias na França, como é o caso de Vercingetorix.

Este estudo foi realizado devido ao fato de que tais povos como os celtas, germânicos e bretões são negligenciados pela historiografia, não injustamente, porém pela falta de fontes a estes contemporâneas.

ABSTRACT

This article deals with a socio-political vision about the process of the roman expansion above the region of Transalpine Gaul, in addition to the expeditions along the south coast of England and through the Germanic banks of the Rhine river between the years 58 BC and 51 BC, based on an interpretation of the literary work "*Commentarii De Bello Gallico*" (in English, "*Commentaries on The Gallic War*"), written by the roman citizen Julius Caesar during this campaign.

¹ Graduando de História pela Universidade Federal de Pelotas;

² Professor Assistente de História Antiga da Universidade Federal de Pelotas.

In the mid-first century BC, the Gallic settlements were divided into several independent tribes composing mostly where today is located France. Such administrative distance between the Gallic tribes, associated with technological inferiority and a lower military organization in relation to the Roman army, were the key of the conquest of this region by Julius Caesar. Still, the Gauls, Belgians and Bretons earnestly opposed against the Roman political domain, building Heroes who are still today worshiped with honors in France, England and Germany, as in the case of Vercingetorix.

This study was carried out due to the fact that peoples such as the Celts, Germans and Britons are neglected by Historiography, not unjustly, but by the lack of sources contemporary of them.

A obra que narra a conquista da Gália pelo cidadão romano Julio Cesar, intitulada “Comentários sobre as Guerras Gálicas” (ou do Latim: *Commentarii De Bello Gallico*), é ao todo dividida em oito livros, sendo estes separados entre si anualmente, de acordo com as diferentes fases englobadas no processo, tendo em vista que, ao estabelecer um conceito sobre a Guerra Gálica, não devemos imaginá-los como um conflito unificado, mas sim uma série de embates independentes entre si, ou estabelecidos como consequência de pelepas outrora transcorridas entre as diversas populações que habitavam a região da Gália, como será apontado neste artigo que apresentará um panorama deste processo histórico, além de estabelecer uma breve observação com relação à vida do autor e o contexto da situação à qual a obra se encontra escrita.

Era de comum estratégia militar romana que os comandantes de suas legiões preparassem suas campanhas em determinadas estações do ano. Por isso, é possível notar nesta obra de Julio Cesar, que todos os oito livros contêm uma ou mais campanhas definidas, uma vez que o comandante escrevia seus comentários anualmente, como aponta Catherine Gilliver:

“Ele [Cesar] escrevia seus comentários anualmente e os publicava em Roma a todo ano.” (GULLIVER, 2002, pg. 7, tradução nossa)

Direcionando-se ao processo eventual indicado na fonte, ao primeiro livro, Cesar levanta uma precisa localização geográfica da região da Gália, apontando que esta se encontra dividida em ao todo três partes (parafraseando a famosa frase primária desta obra: *"Gallia est divisa in partes três"*), definidas por costume, linguagem e legislação diferenciados: entre os montes Pireneus, e o rio Garona, situavam-se os aquitanos. Entre os rios Marne e o Sena, estavam localizados os Belgas. Os terceiros, chamados celtas, por sua vez, faziam fronteira com os aquitanos a oeste, belgas a nordeste, o que Cesar chama de "nossa província", ao sul, que era ocupada pelos romanos, e ao norte pelo oceano.

Consta que Cesar, no consulado de Marcus Messala e Marcus Piso (61 a.C.), Orgetorix, homem de maior poder dentre os helvécios, almeja realizar uma conspiração com dois outros poderosos senhores da Gália: Casticus, dos sequanos, e Dunorix, dos éduos, com o intuito de subjugar a região para si, persuadindo o seu povo a migrar para fora de seu território. Descoberto o plano, Orgetorix suicida-se, e mesmo assim, os helvécios continuam seu processo de migração, queimando suas aldeias em número de 12 e escolhendo atravessar a Província romana da Gália Narbonensis (Gália Transalpina), ao invés de percorrer o outro caminho possível, entre o monte Jura e o rio Ródano, por onde, diz Cesar, mal passariam carros um a um, adentrando o território dos sequanos.

Cesar, ao obter conhecimento da tentativa da travessia dos helvécios pela Província, marcha até Genebra, nas margens do rio Ródano, e em audiência diplomática a qual os mesmos solicitam atravessar a província por não ter outra rota, assume-se que não é do feitio do povo romano permitir que estrangeiros transpassem seus territórios, além disso, lembra-os do assassinato de Lúcio Cassio em batalha, e da humilhação da derrota infligida por estes aos romanos em tempos de outrora. Estes, portanto, são impedidos de passar, e tentam sem sucesso atravessar por força o rio, sendo ou mortos, ou presos do outro lado da margem.

Sem alternativa restante, os Helvécios então passam pelo monte Jura, com o auxílio de Dunorix, sequano de grande valor entre os seus e favorável aos imigrantes.

Uma das motivações de César em construir os seus “Comentários” era a necessidade de apaziguar os povos conquistados. Para isto, César nos aponta constantemente seu valor, oferecendo-lhes sempre bons atributos e demonstrando importância com seus aliados, como é possível identificar no que se seguiu à migração dos helvécios, pois tendo sido avisado de que estes estavam saqueando tribos aliadas do Senado, argumenta que não deveria permitir que tribos amigas fossem impunemente atacadas, vítimas da belicosidade dos helvécios. Tem início então a guerra a qual os helvécios perdem, devendo voltar ao seu território após a derrota, agora em situação de clientela com Roma.

Faz-se importante cogitar se a atitude de César, então governador da Gália Cisalpina (abaixo dos Alpes suíços) e Gália Transalpina (sul da atual França), em revogar permissão aos helvécios de atravessar não só a província romana, como também a outra rota possível, envolve muitos motivos que vão além das justificativas de defesa das tribos aliadas a Roma, e o temor aliado à desconfiança, causados por derrotas passadas, causadas pelas constantes contendas entre romanos e gauleses. César se mostrava um líder ganancioso, e sabia como seus rivais no Senado, que para alcançar o poder em Roma, era preciso conquistar a glória entre os cidadãos. A expansão geopolítica da República significava mais poder, riqueza e bem estar ao cidadão romano, pois as províncias conquistadas prestavam tributos relativamente significantes à cidade. Ao saber que os helvécios estavam migrando, César pode ter visto então, uma grande oportunidade para provocar uma campanha de expansão que iria alavancar seu renome e apoio por entre a massa romana, e trazer aos seus rivais um árduo obstáculo político.

Tendo Cesar vencido os Helvécios, chefes gauleses de todas as partes da Gália vieram lhe parabenizar e solicitar “aos seus joelhos e em prantos”, como escreve Cesar, auxílio contra Ariovisto, mercenário germânico que anteriormente servia como suporte aos arvernos e sequanos contra os éduos, e agora, atacava e conquistava ameaçava as três tribos. Cesar se encontrava temeroso a quanto à imigração dos suevos, uma poderosa tribo germânica, para a Gália a partir do território dos arvernos, atravessando o Reno, e por isso, foi ao enalço de Ariovisto. Cesar envia diplomatas, porém Ariovisto somente aceitaria uma negociação em uma conferência pessoal com o general romano, o que é considerado um raro evento na tradição militar de Roma. Esta não surte efeito diplomático, e logo em batalha, os romanos saem vitoriosos. Ariovisto e alguns de seus compatriotas fogem para a Germânia, atravessando o Reno.

No final do primeiro livro, Cesar tem por objetivo registrar seu valor para o povo e a *nobilitas* em Roma, afirmando que concluíra duas das mais importantes guerras em apenas uma campanha.

O segundo livro trata-se da conquista da conjuração dos belgas contra as tropas romanas na Gália. Consta Cesar, que os motivos para tal conjuração eram o receio de que Roma conquistasse seu território e de que os homens de poder da região pudessem perder seus “status”, caso a Gália fosse conquistada. Em todas as campanhas presentes na fonte, Cesar procura se aprofundar ao número de contingente inimigo. No caso dos belgas, Cesar ficou sabendo por espionagem dos Remos, belgas e contrários à conjuração, soma de cerca de duzentos e noventa e seis mil guerreiros prometidos pelos outros povos belgas para a guerra. Recorrendo novamente à Catherine Gilliver, em sua obra “Caesar’s Gallic Wars”, é citada a probabilidade coerente do exagero estabelecido por Cesar ao numerar o contingente de suas legiões e do exército inimigo. Não há dúvidas de que o legionário romano era superior ao guerreiro celta em equipamento, organização, logística e disciplina, porém, deve-se observar que as diferenças entre as baixas gaulesas e romanas após as

batalhas eram imensas. Porém, é preciso questionar tanto a veracidade quanto a hipótese de inverdade, pois um fato importante que diferenciava o guerreiro gaulês do soldado romano é que todo gaulês homem e saudável ia à guerra, de camponeses a aristocratas. Não havia o profissionalismo militar que caracterizava algumas nações do Mediterrâneo.

Descreve Cesar que os belgas então cercam a capital édua de Bibracte. Os romanos a libertam e inicia-se a o conflito armado. Ao final desta campanha, Cesar vence os belgas após uma culminante batalha contra os Nervios em aliança com os Viromanduos e Atrebates, estabelecendo então, protetorado sobre os vencidos.

No terceiro livro, Cesar consta necessitar ir à província de Ilírico e envia seu lugar tenente Servio Galba, para subjugar três povos que fazem fronteira com os alobrogos: Nantuates, Veragros e Sedunos, com o intuito de estabelecer uma livre e mais segura rota de comércio pelos Alpes. Passado um tempo depois de conquistados, estes grupos rebelaram-se contra Roma, favorecendo-se da baixa guarnição em seu território, tendo sido, porém, pacificados. Mais tarde, dá-se a justificativa de Cesar para a conquista de Armorica. Justifica Cesar que Publio Crasso encontrava-se invernando com a sétima legião dentre os andes, povos que viviam na atual Bretanha (noroeste da França, não confundir com a cordilheira na América do Sul), e, faltando trigo ao exército, Crasso envia tribunos às cidades dos Esvivos, Curiosolitas e Venetos para conseguir suprimentos, porém, as demandas são recusadas e estes são capturados, pois estes tais povos estavam com a intenção de recobrar os reféns dados por eles a Crasso como uma demonstração de confiança, quebrando a tradição de que os embaixadores são sagrados e nacionalmente invioláveis. Cesar retorna de imediato, e percebe que estes povos possuíam grande domínio de conhecimento a respeito da navegação pelo oceano, pois suas embarcações eram propícias para navegar sob o mar agitado, diferentemente do *trirreme* romano, que foi feito para navegar no mar Mediterrâneo. Durante a batalha, os romanos tomaram os barcos gauleses. Após essa

decisiva batalha marítima, e conseqüente assalto por terra pelas cidades, rendem-se os Venetos e Cesar vende os seus líderes como escravos. Durante este período, a Aquitânia é conquistada por Publius Crassus.

Aponta Cesar no quarto livro que duas tribos germânicas, os Tencteros e Usípetes, encontrando-se oprimidas pelos Suevos a leste, migraram para as margens do Reno, indo ao território dos Menápios, povos que habitavam a Gália Belga, e ali começaram a viver desde então. Ao saber da ocupação, Cesar chegou com seu exército e atesta que as duas tribos estavam distanciando-se das margens do Reno e adentrando o interior do território belga. Em conferência com embaixadores dos germanos imigrantes, ficou decidido que estes não poderiam permanecer na Gália, porém, poderiam ficar no território dos Úbios, na outra margem do Reno. Não aceitando tais ordens, estas duas tribos relutaram, e Cesar contra-atacou, massacrando homens, mulheres e crianças. Os poucos restantes fugiram para leste do Reno, como fizera Ariovisto.

É então que Cesar constrói uma ponte de madeira para travessar o rio, com intuito de demonstrar aos germanos que, assim como eles migram para a Gália, os romanos também adentram o território Germânico. Ao estudar esta e outras fontes, sabe-se que os germanos e gauleses são fruto de misticismo e receio aos romanos, com razão, devido às diversas invasões da Itália pelos Cimbro e Teutões e o saque de Brennos a Roma, mas é durante esta parte dos comentários, que isto se destaca, pois Cesar afirma que permaneceu dezoito dias atrás das fronteiras germânicas inspirando terror aos que ali viviam, para engrandecer seu valor e o do Senado.

Cesar justifica na fonte a ocupação da Britânia pelos auxílios aos inimigos que dela vinham, e pelo refúgio por ela cedido aos gauleses fugitivos. Estabeleceu um plano naval para invadi-la, e, além disso, desejou conhecer mais a respeito da ilha, pois muito pouco se sabiam de seu tamanho geográfico, política, e caráter militar dos

nativos. Para isso, manda unir as armadas vizinhas, inclusive a que tomou dos Venetos, e embarca para a costa, com oposição militar dos nativos, que haviam sido previamente avisados.

Ocorreram várias más sortes por conta dos romanos durante esta expedição à Britânia. Cesar fala da surpresa das altas marés e tempestades em uma noite de lua cheia, que acabaram por tragar os barcos de suprimentos e galés que estavam ancorados no litoral da ilha. Ademais, não foi possível transportar a cavalaria nos navios. Aproveitando-se disso, os nativos exerciam constantes ataques contra as tropas romanas, porém, foram vencidos novamente. Ao voltarem para o continente, foram enfrentados pelos Morinos, sobre os quais sobressaíram-se vencedores.

Tais feitos inolvidáveis o de atravessar o Reno até a Germânia e logo desembarcar na Britânia, serviram como propaganda de Cesar para o povo romano. Aqui já foram ressaltados os mistérios relacionados aos “bárbaros do norte” para os cidadãos de Roma, que nada ou muito pouco conheciam a respeito da Britânia. É de comum natureza do homem, trazer superstição e aplicar relativo valor poético e por vezes metafísico ao que não conhece, e esta era a mentalidade do romano com respeito à Gália, Germânia e Britânia. Não obstante, integral essência desta obra é de cunho propagandista direcionada ao povo e a nobilitas por Julio Cesar.

No quinto livro, Cesar fala sobre a disputa entre Induciomaro e Cingetorix pelo poder sobre os Tréveros. Cesar vai à região e concilia Cingetorix aos seguidores de Induciomaro, trazendo a este a insatisfação. Considera-se aqui, a astúcia de Cesar em, desde o início das campanhas sobre a Gália, causar instabilidade interna fomentando intriga e rivalidade, pois sabia este que a Gália desunida tornava-se vulnerável à conquista romana. Além disso, planeja empreender nova campanha até a Britânia. Para manter estável a Gália durante a expedição, Cesar exige levar Dunorix e mais reféns nobres da Gália consigo, porém, este foge com a cavalaria dos éduos e Cesar

manda ir ao seu encalço, obrigando-o a voltar ou matando-o, em caso de resistência. Dunorix escolheu a sorte das armas e então foi morto, tendo sua cavalaria então, retornado para acampamento de Cesar, de onde tinha fugido antes de embarcar para a Britânia.

Logo então, embarca Cesar rumo à ilha, desta vez com cavalaria, deixando seu tenente Titus Labienus a cargo da Gália, e, aportando ao meio dia, após os fortes ventos que quase o desviaram da rota pela noite.

Cesar então levanta informações demográficas, geográficas e culturais da Britânia, como é citado o trecho a seguir:

“A ilha é de forma triangular, e apresenta um dos lados contra a Galia. Um dos ângulos dele, jacente em Cancio (Kent), aonde, de ordinário, aportam todos os navios da Galia, olha ao nascente; o outro, ao meio-dia. Tem este lado cerca de quinhentos mil passos. O outro inclina à Hispania e ao poente. Contra esta parte está a Hibernia (Irlanda), metade menor, ao que se estima, que a Britânia; mas o trajeto de uma à outra é igual em tamanho ao da Galia à Britânia. A meio caminho demora a ilha chamada Mona (Man). Consta, além disso, haver outras ilhas menores, aonde escrevem alguns autores serem noite no inverno trinta dias contínuos. Em nossas indagações nada encontramos a tal respeito; e só verificamos com certos relógios d’agua serem as noites mais breves, que no continente. A extensão deste lado é, segundo a opinião dos tais, de setecentos mil passos. Está contra o setentrião o terceiro lado, ao qual nenhuma terra corresponde; mas por um ângulo olha principalmente à Germânia. Estima-se em oitocentos mil passos a sua extensão. Assim toda a ilha tem vinte vezes cem mil passos de circunferência.” (CESAR, Julio. Bello Gallico. Livro V, pt XIII)

Aponta Cesar que o interior é composto de nativos e minas de estanho, e o litoral de imigrantes belgas, com poucas minas de ferro. Vivem os bretões de criação

de gado e vestem-se de peles. Cesar também cita a respeito da pintura azul do corpo, utilizado pelos nativos em batalha, que por sua vez lutavam nus a fim de desmoralizar e amedrontar o inimigo.

Após perder diversas batalhas contra os romanos, Cassivelauno, maior general dentre os Bretões, rei dos Catuvelaunos, envia a Cesar proposta de paz. Cesar então exige reféns e que a Britânia pague anualmente certa quantia em tributos.

Enquanto o legato Sabinus administrava as campanhas na Gália, Ambiorix, líder dos Eburões revolta-se com a ajuda de mercenários germânicos. Durante a revolta, Sabinus é assassinado em uma tentativa de reconciliação. Quintus Cícero, irmão de Marcus Tullius Cicero, e então oficial das tropas de Cesar, não cogitou a hipótese de negociação e sobressaiu-se sobre os insurgentes. Embora esta pequena revolução tenha falhado, é possível que tenha sido aqui o berço de todos os próximos empecilhos jogados perante Cesar, que neste contexto temporal, havia prontamente conquistado o norte da Gália.

No sétimo livro, Cesar fala da revolta geral da Gália, devido à insatisfação dos povos quanto ao poder romano ascendente sobre a região e ao medo da tirania que isso poderia acarretar. Sob liderança do arverno Vercingetorix, os insurgentes (todas as grandes tribos gaulesas, com exceção dos Remos e Éduos) atacam os Boios, que viviam em território éduo e tornaram-se fantoches de Roma desde a campanha contra os helvécios, pois estes eram aliados entre si, e Vercingetorix empreende um ataque surpresa à cidade de Cenabum, massacrando, aponta Cesar, não só militares como também civis. Vercingetorix então decide utilizar a estratégia frequentemente adotada ao longo da história, de queimar as cidades próximas, com exceção de Avaricum, para impedir o saque de alimentos pelas tropas de Cesar, estratégia depois com êxito comprovado, uma vez que a logística militar romana necessitava de uma distribuição organizada de suprimentos advindos de cidades aliadas ou subjugadas. Logo, Cesar

culpa suas derrotas iniciais à fome de seu exército causada pela falta de suprimentos. Parte então Cesar para assediar Avaricum, cidade à qual os insurgentes liderados por Vercingetorix defendiam. Depois de vinte e cinco dias de assédio, os romanos assaltam a cidade, massacrando grande parte da população.

Após o assalto a Avaricum, dirige-se Cesar à Gergóvia, cidade boia atacada por Vercingetorix. Durante este período, os Éduos, outrora aliados, sob liderança de Litaviccus voltam-se contra os romanos, porém são derrotados por Cesar. Tendo então retornado para Gergóvia, Cesar perde mais uma batalha contra Vercingetorix. Derrotado em batalha posteriormente por Cesar, Vercingetorix ruma para Alesia com a finalidade de defendê-la. Aliando-se a mercenários germânicos, Cesar inicia o cerco à cidade. Em batalha com os aliados gauleses do lado de fora e as tropas de Vercingetorix por dentro, Cesar sobressai-se vencedor, e o jovem arverno insurgente rende-se nobremente, afirma Cesar.

Vercingetorix é então preso na Itália, sendo, seis anos após, enforcado de forma ritualística perante Cesar em seu *“Triumphus”*, desfile de honra ao comandante por suas façanhas militares. Um fato importante que teria acarretado a revolta geral da Gália foi a religião. Consta Cesar que os Druidas, sacerdotes de grande influência política dentre os gauleses, realizavam rituais utilizando os inimigos vencidos em batalha como sacrifício humano. Os romanos, portanto, não toleravam tal ato, considerado atroz e bárbaro. Porém, o triunfo romano não se faz diferente dos atos religiosos gauleses. Deve-se não só considerar esta uma cerimônia simbólica, como também religiosa, imbuída em cortejos ao vencedor, humilhação ao derrotado e por fim, a morte do último perante o primeiro. Em resumo, um sacrifício.

O oitavo e último livro não foi escrito por Cesar, mas sim por Aulo Hircio, seu amigo e oficial, após a morte do primeiro. As Guerras Gálicas não terminaram com a supressão dos revoltosos e Vercingetorix. Portanto neste livro, constam as campanhas

finais contra tribos remanescentes do levante, tais quais os processos precedentes à Bello Civillis, ou Guerra Civil, contra seu aliado de outros tempos, Pompeu.

Tendo sob uma análise estes processos de conquista e manutenção da política romana da Gália por Júlio Cesar, é possível contextualizar a obra de acordo com o período em que foi escrita: considerando que era necessário trazer estabilidade às populações gaulesas e às relações políticas do general, como demonstrar aos seus rivais políticos o seu poder estratégico militar e eloquência, os Comentários sobre as Guerras Gálicas não só foram produzidos para obter confiança e simpatia popular e aristocrática, como também serviram como intuito trazer ao seu escritor, o tão apreciado, tanto por antigos quanto por contemporâneos a nós, o conceito greco-romano de imortalidade, a perpetuação do seu nome nos textos, relevando, por exemplo, uma das características mais demarcadas deste documento, que é seu nome apresentado em terceira pessoa, assim como outras obras posteriores de grandes personalidades históricas.

Uma discussão ainda levantada na comunidade acadêmica de historiadores se encontra a respeito do público alvo ao quais os comentários eram objetivados. Existe um debate entre a ideologia de que a população não abastada de Roma não teria como usufruir de informações contidas em tal obra, e, portanto, estas eram destinadas apenas para os nobres da cidade, rivais a Cesar no Senado, e a teoria de que “os Comentários” eram uma propaganda que tinha por objetivo atingir todo o público romano, essencialmente a população, já que dinheiro era poder em Roma, mas como foi citado anteriormente, o povo romano significava a base da influência sócio-política no mundo greco-romano. De algum modo, mesmo sem a obtenção das informações literárias contidas nos comentários publicados em Roma, todo o cidadão teria conhecimento dos feitos de Cesar na Gália pelo contato com mercadores ou pela difusão das novidades ouvidas entre conversas em encontros sociais por vezes casuais.

Enfim, os “*Comentários sobre as Guerras Gálicas*”, de Julio Cesar, contêm uma vasta pluralidade de opções oferecidas para o leitor ao analisá-los. Além disso, esta é a fonte historiográfica mais rica em informação a respeito da sociedade celta durante meados do século I a.C. fornecendo um levantamento da cultura, política e economia tanto de gauleses quanto de bretões, e se não tivesse sobrevivido, certamente muito pouco saberíamos a respeito destas civilizações e a importância de seu papel na história.

BIBLIOGRAFIA

DOCUMENTAÇÃO

CESAR, Caiuslulius. *Commentarii De Bello Gallico*. Traduzido por Francisco Sotero dos Reis, 1863. Ed. Série Clássica de Cultura: Os Mestres do Pensamento, 2001.

PLUTARCO. *The Parallel Lives: Life of Julius Caesar, Vol. VII*. Loeb Classical Library edition, 1919. Disponível em:

<http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Plutarch/Lives/Caesar*.html>

Acesso em: 28 de nov. de 2012

BIBLIOGRAFIA

GILLIVER, Catherine. *Caesar's Gallic Wars, 58-50 BC*. Oxford: Osprey, 2003, 7–90.

LAUNEY, Oliver. *Coleção Grandes Civilizações Desaparecidas: A Civilização dos Celtas*. Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores, 1978, 7–155.

AYMARD, André. AUBOYER Jeannine. *História Geral das Civilizações, Vol. III: Roma e Seu Império*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1956, 58–82.

HOLMES, T. Rice. *Caesar's Conquest of Gaul*. Oxford: Clarendon Press. 1911, 37–182.